

**PROJETO**



## O PROJETO

O projeto *Cidade e Cultura: rebatimentos no espaço público contemporâneo*, aparece como um novo desdobramento de uma colaboração já existente entre professores-pesquisadores de três programas de pós-graduação em arquitetura, urbanismo e planejamento urbano (PPG-AU/UFBA, IPPUR e PROURB/UFRJ) em torno da questão da culturalização das cidades contemporâneas. Estes programas de pós-graduação nacionais participaram do Programa de Cooperação Universitária Internacional CAPES-COFECUB (biênio 2004/2005 – com renovação 2006/2007) - coordenado pela professora Paola Berenstein Jacques (UFBA) no Brasil e por Henri-Pierre Jeudy na França - com o projeto *Territórios urbanos e políticas culturais* (ver Número Especial do *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*, 2004). A partir do desenvolvimento das ações deste projeto se deu a formação de um grupo de pesquisadores nacionais que resultou no encontro *Corpocidade: debates em estética urbana 1*. A partir das discussões durante o encontro *Corpocidade* em Salvador desenvolvemos este novo projeto de pesquisa conjunto que promove a integração, através dos pesquisadores envolvidos, de Programas de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFRJ e UFBA), História Social da Cultura (UFMG), Comunicação e Práticas Sociais (UFMG), Cultura e Sociedade (UFBA), Artes Visuais (UFBA) e Planejamento Urbano (UFRJ), a partir, principalmente, de 3 linhas de pesquisa que se correlacionam diretamente: História Social da Cultura (PPGHIS/UFMG), Processos Urbanos Contemporâneos (PPG-AU/UFBA) e História da Cidade e do Urbanismo (PROURB/UFRJ). Além da colaboração acadêmica, alguns professores pesquisadores envolvidos também estão diretamente relacionados com as instituições culturais de seus estados e municípios, em particular, a Fundação Cultural de Belo Horizonte e o Conselho Estadual de Cultura da Bahia.

O ponto central que fundamenta este projeto de pesquisa é a proposição de uma reflexão conjunta e comparativa em torno de uma mesma problemática de estudo – as relações entre cidade e cultura, entre políticas urbanas e políticas culturais. Pretendemos explorar várias dimensões do campo das relações entre cidade e cultura, entre elas o papel que a cultura vem desempenhando nos processos de revitalização urbana, e, em particular, analisar as políticas culturais, as suas relações com os planos, projetos e as políticas urbanas, e, principalmente, suas conseqüências sociais e seu rebatimento no espaço público das cidades contemporâneas.

Nesta proposta a cidade é mais do que um conceito de análise, pois aparece como uma categoria da prática social e cultural. A cidade nunca é absolutamente sincrônica: o tecido urbano, o comportamento dos cidadãos, as políticas de planificação urbanís-

tica, econômica ou social desenvolvem-se segundo temporalidades diferentes. Mas, ao mesmo tempo, a cidade está inteira no presente. Ou melhor, ela é inteiramente presentificada por atores sociais nos quais se apóia toda a carga temporal. Entender a cidade como um espaço vivido é pensá-la como um espaço cultural no sentido mais amplo deste termo: um espaço do movimento, da diferença, da multiplicidade, da hibridação, do conhecimento, da subversão e da liberdade. Assim, é a partir desta abordagem da cidade contemporânea e, sobretudo, dos usos de seus espaços públicos, que propomos a integração de programas de Arquitetura e Urbanismo à área da História Social da Cultura.

É preciso ressaltar que a idéia de espaço público neste projeto se constitui como objeto social e cultural, ou seja, os ritmos de vida devem ser analisados em sua dimensão social e cultural para que possamos qualificar os usos desses espaços vividos. Entendemos que os usos do espaço urbano sempre escapam de alguma forma à intencionalidade funcional de quem o concebe. Estes espaços têm a potencialidade de reunir dimensões, tanto materiais quanto imateriais, de ontem e de hoje, que concordam e discordam entre si. Ao mesmo tempo em que o espaço urbano está no presente por completo, ele também é composto por muitos tempos, ou seja, se apropria dos tempos/espaços “outros” segundo novas normas. Mas os sentidos social e cultural associados a ele nunca é levado a cabo de forma idêntica e se referem sempre a uma prática presente.

Para melhor explorar o campo de relações entre urbanismo e cultura, nos centraremos nas recentes transformações dos espaços públicos que colocam as cidades contemporâneas no contexto da “espetacularização” e da “culturalização” urbana. A partir de uma abordagem interdisciplinar e crítica, nos indagamos principalmente sobre alternativas no sentido de se tentar escapar da gentrificação (expulsão da população de baixa renda) geralmente resultante desses processos urbanos. A interface entre políticas urbanas e políticas culturais parece estar dominada hoje pelos processos de « revitalização » urbana nos quais a cultura é usada como estratégia principal, em que se destacam equipamentos culturais monumentais em primorosos espaços públicos. Potencializados por eficiente marketing, tornam-se casos espetaculares e paradigmáticos. Decorrentes deste uso, primordialmente econômico da cultura, seus efeitos já vem sendo criticados. Outras experiências de natureza participativa buscam corrigir desigualdades e democratizar o acesso às oportunidades culturais. A dita “inclusão” social pela cultura para as populações excluídas se tornou um desafio fundamental nas atuais políticas culturais e urbanas. É este campo que nos propomos a investigar. Visamos o conhecimento do universo contemporâneo do uso prioritariamente social da cultura nas políticas urbanas, suas dimensões teóricas e empíricas, seus impasses, conflitos e limites.

A crítica hoje ao que chamamos de espetacularização urbana<sup>1</sup> já se tornou recorrente no meio acadêmico e este processo está cada vez mais explícito. Fala-se muito em cidade-museu, cidade genérica, cidade-parque-temático, cidade-shopping, em resumo: cidade-espetáculo (no sentido debordiano). A fórmula passa a ser conhecida de todos, discursos contemporâneos quase esquizofrênicos: propostas preservacionistas para os centros históricos, que se tornam receptáculos de turistas, e construção de novos bairros fechados nas áreas de expansão periféricas, que se tornam produtos para a especulação imobiliária. Muitas vezes os atores e patrocinadores destas propostas também são os mesmos, assim como é semelhante a não-participação da população em suas formulações (cada vez mais é encenada uma pseudo-participação, burocrática), e a gentrificação (enobrecimento com expulsão da população mais pobre) das áreas como resultado, demonstrando que as duas correntes antagônicas são faces de uma única moeda: a mercantilização espetacular das cidades.

É possível se falar em processos urbanos distintos, como culturalização, patrimonialização, museificação, musealização, estetização, turistificação, gentrificação, mas estes fazem parte de um mesmo processo contemporâneo: a espetacularização das cidades contemporâneas. Este processo, por sua vez, é indissociável das novas estratégias de *marketing*, ou mesmo do que podemos chamar hoje de *branding* urbano (construção de marcas) dos projetos ditos de revitalização urbana que buscam construir uma nova imagem para as cidades contemporâneas que lhe garantam um lugar na nova geopolítica das redes globalizadas de cidades turísticas e culturais. Na lógica contemporânea de consumo cultural massificado, a cultura é concebida como uma simples imagem de marca ou grife de entretenimento, a ser consumida rapidamente. Com relação às cidades, o que ocorre é semelhante: a competição, principalmente por turistas e investimentos estrangeiros, é acirrada e os políticos, com apoio dos empreendedores do setor privado, se empenham para melhor construir e vender a imagem de marca, ou o logotipo, de suas cidades cenográficas, cada dia mais padronizadas e uniformizadas.

Neste processo urbano de espetacularização, a cultura vem se destacando como estratégia principal da revitalização urbana - os atuais projetos urbanos contemporâneos, em particular de espaços públicos, vem sendo realizados no mundo inteiro segundo uma mesma estratégia : genérica, homogeneizadora e espetacular - e a ênfase das políticas urbanas recai cada vez mais sobre as políticas culturais<sup>2</sup>. Nessa lógica de consumo cultural urbano, as vedetes são os grandes equipamentos culturais, franquias de museus e suas arquiteturas monumentais - cada vez mais espetaculares com projetos de arquitetos do starsystem global e visados pela mídia e pela indústria do turismo – que passam assim a ser as principais âncoras de megaprojetos urbanos inseridos nos novos planos estratégicos. Tanto a cultura quanto a cidade passaram a ser consideradas como virtuais mercadorias estratégicas, manipuladas como imagens de

marca, principalmente dentro do atual processo de globalização da economia. Para os marketeiros de cidade, como os consultores catalães que vendem o modelo Barcelona, a pretensa especificidade (a busca da tal « identidade ») de cada cidade se encontra fortemente ligada a uma cultura local, ou seja, é principalmente através dessa cultura própria que as cidades poderiam construir suas marcas, e esses particularismos geram slogans que podem ajudar a construir uma « nova imagem » da cidade. Além disso, a animação cultural nos espaços públicos também deve ser usada pelas cidades como um meio de promover suas imagens de marca. Nas políticas e nos projetos urbanos contemporâneos, principalmente dentro da lógica do chamado planejamento estratégico, existe uma clara intenção de se produzir ou forjar uma imagem de cidade. Essa imagem, de marca, seria um produto de uma cultura própria, da “identidade” de cada cidade.

Paradoxalmente, essas imagens de marca de cidades distintas, com culturas distintas, se parecem cada vez mais. Essa contradição pode ser explicada: cada vez mais as cidades precisam seguir um modelo internacional extremamente homogeneizador, imposto pelos financiadores multinacionais dos grandes projetos urbanos. Este modelo visa basicamente o turista internacional - e não o habitante local - e exige um certo padrão mundial, um espaço urbano tipo, padronizado. Como já ocorre com os espaços padronizados das cadeias dos grandes hotéis internacionais, ou ainda dos aeroportos, das redes de *fast food*, dos *shopping centers*, dos parques temáticos, dos condomínios fechados, equipamentos (hoje chamados de empreendimentos, a sua maioria privados) que fazem as periferias das grandes cidades mundiais também se parecerem cada vez mais, como se formassem todas uma única imagem: paisagens urbanas idênticas, ou talvez mesmo, como diz Rem Koolhaas, genéricas<sup>3</sup>.

Quais seriam então algumas alternativas ou desvios possíveis ao espetáculo urbano? Todas as pistas levam para a questão da experiência ou prática dos espaços urbanos, em particular de seus espaços públicos. A redução da ação urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo leva a uma perda da corporeidade, os espaços urbanos se tornam simples cenários. Os novos espaços públicos contemporâneos, cada vez mais privatizados ou não apropriados, são cada dia mais cenográficos, ou seja, estão cada vez mais distantes de seus usos sociais e culturais.

Em resumo: os processos urbanos foram progressivamente induzidos pela competitividade entre as cidades. Através de novos planos estratégicos passou-se a oferecer não somente melhores condições de acessibilidade, comunicação, segurança e educação - recuperando edifícios e áreas abandonadas, ampliando a oferta de “novos” espaços públicos - mas também a enfatizar os aspectos culturais e simbólicos. O lugar, a sua imagem e a sua « identidade » se tornaram fundamentais nesta lógica de mercado. Como a especificidade e a dita “identidade” se encontram fortemente ancoradas na imagem e na cultura local, seria principalmente através da cultura que as cidades poderiam se

individualizar, acentuando essas identidades, ou seja, marcando seu lugar no panorama mundial globalizado. Por isso, privilegia-se nas políticas e projetos urbanos recentes revelar, reforçar ou criar a imagem, ou identidade, de cada cidade. Este é um dos fatores que fazem a cultura se destacar como estratégia principal dos projetos urbanos, em particular de espaços públicos, e a ênfase destas políticas urbanas recair sobre as políticas culturais. Pode-se destacar neste enfoque, a contribuição dos equipamentos culturais e de suas arquiteturas, cada vez mais visados pela mídia e pela indústria do turismo. Estes passam assim a ser as principais « âncoras » de megaprojetos urbanos que se inserem nos novos planos estratégicos. O que poderia ser classificado como uma « culturalização » ou « musealização » (proliferação dos museus nas cidades) urbana contemporânea. Por outro lado, o que significa a atual “ patrimonialização ” ou “ museificação ” (transformação das cidades em museus) das cidades? Essas mega intervenções muitas vezes se iniciam por uma patrimonialização das próprias cidades, também tendo em vista uma revitalização urbana que possibilitaria uma efetiva inserção destas cidades dentro de uma competitiva rede global de cidades ditas culturais, ou seja, turísticas.

A união cada vez mais freqüente entre os interesses da indústria turístico-cultural e interesses político-urbanos estariam delineando uma específica “gestão urbano-cultural” cujo ápice transforma a própria cidade em espetáculo a ser consumido. Esta forma espetacular de cultura tem sido responsável por grandes transformações urbanas. As políticas culturais participam cada vez mais na transformação das cidades. O que parece predominar nas intervenções espaciais, tanto nas criações artísticas quanto nas criações arquitetônicas, em relação às finalidades dessas políticas culturais, são as questões de « identidade » e de « inclusão social ». Os projetos públicos, encomendados a arquitetos, artistas, urbanistas ou paisagistas, estão cada vez mais relacionados à revitalização de áreas abandonadas, e implicam na conjunção de uma dimensão patrimonial a um projeto contemporâneo, ou seja, implicam em fenômenos de atualização e de presentificação da cidade historicamente construída e vivida. A temática do patrimônio cultural urbano se subordina ao tema maior da atual articulação entre políticas urbanas e políticas culturais, sendo um caso importante a ser observado dentro de uma análise comparativa. Trata-se de analisar como arquitetos e urbanistas podem intervir no espaço público dentro de uma visão contemporânea, e sobretudo de atualização, em territórios urbanos e culturais ditos “históricos” ou tombados.

Os rebatimentos deste processo de espetacularização urbana e, de sua relação com as questões culturais nos espaços públicos contemporâneos, será um dos focos principais deste projeto. Esta questão já foi inicialmente tratada no projeto “As transformações na agenda de políticas de espaços públicos” dentro do Programa de Cooperação Universitária Internacional CAPES- DAAD (Biênios 2005/2006 e renovação 2007/2008),

coordenado no Brasil pela professora Lilian Fessler Vaz (UFRJ) e na Alemanha por Max Welch Guerra, o ponto de partida deste projeto foi a mudança na avaliação e no planejamento dos espaços públicos – compreendidos no seu sentido urbanístico -, em muitas cidades da Europa e da América Latina desde os anos 1990. Esta mudança se explicou inicialmente devido exatamente à “descoberta” do espaço público como cenário para medidas urbanísticas de revitalização, tendo por modelo a cidade de Barcelona, e por objetivo, fortalecer a atratividade das áreas centrais em contraposição às áreas de expansão dispersa, buscando desta maneira um destaque na competição mundial entre cidades. Por outro lado, o campo do desenho dos espaços públicos se ofereceu como alternativa inicial para comunidades de poucos recursos, para, com meios reduzidos, apresentarem indícios visíveis de uma forte ação de desenvolvimento urbano. No início da década de 1990 formulava-se discretamente uma nova agenda da política dos espaços públicos, principalmente através de debates locais que acompanhavam a progressiva redução do sentido de segurança na cidade. Finalmente, nos últimos anos a percepção, principalmente nos meios universitários, da crescente polarização e exclusão social – que na América Latina alcançam formas espetaculares de expressão – realçou o significado dos espaços públicos para a vida social. Em várias cidades foram criados programas para um redesenho sistemático de espaços públicos selecionados – praças, ruas, parques e ainda projetos envolvendo edificações culturais, políticas e administrativas. Pode-se mesmo dizer que estes programas constituíram uma verdadeira política urbana específica para os espaços livres públicos.

Visando ampliar esta discussão nossa proposta busca entender o espaço urbano enquanto lugar público por excelência que comporta toda sorte de atores individuais e coletivos, usos territoriais institucionalizados e cotidianamente configurados, memórias e discursividades diversas, sentidos atribuídos e construídos, experiências e experimentações, apropriações simbólicas e concretas, entre outros. E que, também, simultaneamente, comporta uma rede complexa e intensa de relações sociais – antagônicas, complementares, paralelas, convergentes, simbióticas, parasitas, consensuais, conflitantes; refletindo diferentes padrões de diálogo e negociação.

Uma das conseqüências teóricas desta polifacetada ampliação das análises sobre o espaço urbano contribuiu para se conceituar as cidades como um processo mais complexo de articulação das culturas. A partir disto a inovação deste projeto é a proposta de procurar buscar os sentidos produzidos pelos vários discursos sobre a revitalização de áreas centrais das cidades. Importa-nos os acionamentos de sentidos “históricos” dos espaços apontados como sendo um dos fundamentos destas intervenções. Nos últimos dez, quinze anos, multiplicaram-se livros, teses e colóquios que passaram a buscar refletir sobre os impactos das novas tecnologias e de novos comportamentos coletivos, sobretudo no que diz respeito à (des)construção do tecido social e urbano.

Enfocando a cultura virtual ou a globalização e suas cidades, essa produção passou a enfatizar temas como a novidade do funcionamento das chamadas sociedades em rede, a mobilidade, a desconcentração e a re-localização das atividades econômicas, a exclusão, a governança ou a ação pública. Mais recentemente, em decorrência das discussões sobre os espaços públicos e a esfera pública, passaram a ser desenvolvidos os estudos sobre planejamento e gestão participativo/a das cidades. Em contraponto à reflexão sobre tendências, situações ou questões vistas como “contemporâneas” também cresceu o interesse sobre o “passado”, sobre a “história urbana”, sobre os processos de “territorialização” das práticas sociais e culturais ou sobre as “culturas urbanas” em suas sedimentações ou mutações, de modo geral.

Temos por hipótese que a agenda política para o espaço público apresentou recentemente uma ampliação substancial, uma diversificação de seus instrumentos e de resultados e efeitos. Apesar da aparente disparidade das muitas intervenções registradas em diversas cidades, supõe-se que haja conexões e relações de sentido entre elas, revelando coerências nas transformações desta política, sobretudo no que diz respeito aos usos sociais e culturais destes espaços. Os resultados das pesquisas poderão subsidiar a elaboração de novas políticas públicas que articulem de uma forma mais responsável as políticas urbanas com as políticas culturais, com o foco central nas intervenções em espaços públicos, pensados além de sua materialidade, ou seja, no sentido mais amplo de esfera pública. Neste sentido três questões, ou inquietações, complementares guiam nossa investigação: a crise do sujeito corporificado, a pacificação do espaço público e a esterilização da esfera pública.

O mundo da hegemonia do capital financeiro, em simbiose com as disputas por capital simbólico, caracteriza-se por níveis crescentes de abstração e pelo predomínio de leituras reducionistas do espaço público, que tendem a substituir a co-presença por representações programadas, repetitivas e petrificadas da experiência urbana. É nestas circunstâncias que adquire ainda maior relevância a valorização do sujeito corporificado, resistente à defesa apenas formal dos direitos sociais e à retórica de uma solidariedade que não se transforma em convivência, compartilhamento e diálogo. A pacificação do espaço público, através da fabricação de falsos consensos, busca esconder as tensões que são inerentes a esses espaços, o que despolitiza e esteriliza a esfera pública. Assim, a explicitação dos dissensos e diferenças pode ser uma forma ativa de resistência, de ação política.

## NOTAS

<sup>1</sup> Ver “Espetacularização urbana contemporânea”. In: FERNANDES, Ana; BERENSTEIN JACQUES, Paola. Territórios urbanos e políticas culturais. *Cadernos do PPGAU/FAUFBA*, Salvador, 2004. Número especial.

<sup>2</sup> Ver JACQUES, Paola Berenstein; VAZ, Lilian Fessler. Reflexões sobre o uso da cultura nos processos de revitalização urbana. In: *Anais do IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR*, 9., 2001, Rio de Janeiro. p. 664-674.

<sup>3</sup> Ver KOOLHAAS, Rem. *The generic city* em S,M,L,XL. New York: The Monacelli Press, 1995. p. 1239-1264

**EQUIPE**



# EQUIPE

## **Equipe UFMG**

### **PROFESSORES DOUTORES**

Regina Helena Alves da Silva - Historia UFMG (coordenadora geral)

Geane Alzamora - Comunicação Social UFMG

Thais Velloso Cougo Pimentel - História UFMG – Fundação Municipal de Cultura

### **PESQUISADORES**

Denis Tavares- Mestrando história UFMG (bolsista PROCULTURA)

Maíra Alves Brandão - Designer Gráfica

Rafael Cerqueira Pinheiro - Sociólogo

Pedro da Silva Marra - Mestre em Comunicação Social UFMG

Lucas Andrade Dutra - Graduando do Curso de Arquitetura UFMG (bolsista IC)

Clarissa Nunes Alexandrino - Graduanda do Curso de Urbanismo UFMG (bolsista IC)

## **Equipe UFRJ**

### **PROFESSORES DOUTORES**

Ana Clara Torres Ribeiro – IPPUR/UFRJ

Lilian Fessler Vaz (coordenadora) – PROURB/FAU/UFRJ

Margareth da Silva Pereira – PROURB/FAU/UFRJ

## **PESQUISADORES**

Patricia Martins Assreuy – Mestranda PROURB/FAU/UFRJ (bolsista PROCULTURA)

Claudia Seldin - Doutoranda PROURB/FAU/UFRJ (bolsista CNPq)

Ronaldo de Morais Brilhante – Doutorando PROURB/FAU/UFRJ (bolsista CAPES)

Carlos Rodrigo Avilez A. B. da Silva – Mestre (bolsista AT)

## **Equipe UFBA**

### **PROFESSORES DOUTORES**

Paola Berenstein Jacques (coordenadora) FAUFBA/PPG-AU

Pasqualino Romano Magnavita – PPG-AU

Fernando Gigante Ferraz – IHAC – UFBA/PPG-AU

Thais de B. Portela – FAUFBA/PPG-AU

Washington Drummond – História UNEB/PPG-AU

### **PESQUISADORES**

Milena Durante - mestranda PPG-AU (bolsista PROCULTURA)

Priscilla Schimitt – mestranda PPG-AU (bolsista CNPq)

Carolina Fonseca – doutoranda PPG-AU (bolsista CAPES)

Priscila Lolata – doutoranda PPG-AU (bolsista FAPESB)